

UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Grupo 19 Filosofia, História e Redação

Candidato:

Curso:

Cotista:

Local de Prova:

Cidade de Prova:

Sala de Prova:

Carteira de Prova:

Observações

- 1. CADERNO DE PROVAS:** Este caderno possui a prova de REDAÇÃO e a prova de CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS do concurso vestibular, sendo esta última constituída por duas matérias (apresentadas em ordem alfabética), dentre as quais podem estar Biologia, Espanhol, Filosofia, Física, Geografia, História, Inglês, Literatura, Matemática, Português, Química, Sociologia de acordo com a escolha do curso feita pelo candidato. Cada matéria possui doze questões objetivas; cada questão tem cinco alternativas (A, B, C, D, E), das quais apenas uma está correta. Verifique agora se a impressão deste caderno está perfeita e se contém as 24 questões que deve conter e o caderno relativo à Prova de Redação.
- 2. CARTÃO DE RESPOSTAS:** A partir das 9:30 horas, você receberá o *cartão de respostas* personalizado com seu nome e número de inscrição e a folha da *versão definitiva* da redação. Verifique se estão corretos o seu nome e o seu número de inscrição. Se esses dados estiverem corretos, assine **somente** o cartão. Caso haja algum erro, notifique-o imediatamente ao fiscal. Em seguida, leia as instruções para o correto preenchimento das respostas.
- 3. PREENCHIMENTO DO CARTÃO DE RESPOSTAS:** Somente uma alternativa pode ser assinalada. Será anulada a questão sem alternativa assinalada ou com duas ou mais alternativas assinaladas. Para preencher, é necessário utilizar a caneta de tinta preta fornecida pelos fiscais, sendo vedado o uso de qualquer outro tipo de caneta.
- 4. PERMANÊNCIA NA SALA:** É vedado sair da sala de provas antes das 10:00 horas, sob pena de desclassificação. O término da prova é às 12:30 horas, impreterivelmente, sob pena de desclassificação. Não há previsão de horário extra para o preenchimento do cartão de respostas.
- 5. ENTREGA DO MATERIAL E GABARITO:** Ao retirar-se da sala, você deverá entregar o caderno de provas, o cartão de respostas e a versão definitiva da redação. Pode, contudo, levar consigo a folha de identificação da carteira, onde é permitido anotar as respostas dadas (para depois conferir com o gabarito a ser fornecido pela Unioeste).
- 6. TABELA PERIÓDICA DOS ELEMENTOS QUÍMICOS:** A tabela consta no final da prova de Química e pode ser consultada, se for necessário.

FILOSOFIA

1. Com relação ao bem próprio do homem, ou seja, de seu bem supremo, há, segundo Aristóteles, uma concordância “quase geral” em sua época, pois “[...] tanto a maioria dos homens quanto as pessoas mais qualificadas dizem que este bem supremo é a felicidade, e consideram que viver bem e agir bem equivale a ser feliz; quanto ao que é realmente a felicidade, há divergências, e a maioria das pessoas não sustenta opinião idêntica a dos sábios. [...] Se formos julgar pela vida dos homens, estes, em sua maioria, e os mais vulgares entre eles, parecem (não sem algum fundamento) identificar o bem, ou a felicidade, com o prazer. É por isto que eles apreciam a vida agradável. Podemos dizer, com efeito, que existem três tipos principais de vida: o que acabamos de mencionar, o tipo de vida política, e o terceiro é a vida contemplativa. [...] Então, se a função do homem é uma atividade da alma por via da razão e conforme a ela [...], afirmamos que a função própria do homem é um certo modo de vida, e este é constituído de uma atividade ou ações da alma que pressupõem o uso da razão [...]. O bem para o homem vem a ser o exercício ativo das faculdades da alma de conformidade com a excelência, e, se há mais de uma excelência, de conformidade com a melhor e mais completa entre elas. Mas devemos acrescentar que tal exercício ativo deve estender-se por toda vida.” (Aristóteles)

A partir do texto citado, seguem as seguintes afirmações:

I – Para Aristóteles, bem viver e bem agir é o mesmo que ser feliz, do que se conclui que o ser humano, numa vida completa, usufrui, apenas, de momentos felizes, para a realização de seu bem próprio e do melhor modo que lhe convier.

II – A função que melhor especifica o ser humano é o exercício ativo da razão, sendo que a felicidade, como seu bem próprio e supremo, se realiza, exclusivamente, na satisfação maximizada de prazeres.

III – O modo de vida que realiza o bem próprio e supremo do homem é o da vida contemplativa, pois é nela e no exercício ativo das atividades da alma em conformidade com a razão e com a melhor e mais completa das excelências (virtudes) que o homem realiza seu bem próprio.

IV – A felicidade é uma atividade da alma em conformidade com a razão e em conformidade com a excelência (virtude), e, em havendo mais de uma excelência (virtude), “em conformidade com a melhor e a mais completa entre elas”.

V – Sendo, segundo Aristóteles, as honrarias o objetivo da vida política e sendo que as honrarias dependem “mais daqueles que as concedem que daqueles que as recebem”, é na vida política que o homem realiza, de modo perfeito e completo, o bem supremo que melhor lhe convém.

Das proposições feitas acima

A.	apenas a afirmativa I está correta.
B.	apenas as afirmativas I e II estão corretas.
C.	apenas as afirmativas II e IV estão corretas.
D.	apenas as afirmativas III e IV estão corretas.
E.	todas as afirmativas estão incorretas.

2. “Nós estimamos possuir a ciência de uma coisa de maneira absoluta – e não, ao modo dos Sofistas, de uma maneira puramente acidental, quando acreditamos que conhecemos a causa pela qual a coisa é, que sabemos que essa causa é a da coisa e que, além disso, não é possível que a coisa seja algo distinto do que ela o é. É evidente que tal é a natureza do conhecimento científico. [...] Mas o que chamamos aqui *saber* é o conhecer por meio da demonstração. Por *demonstração* entendo o silogismo científico e chamo *científico* um silogismo cuja posse em si mesma constitui para nós a ciência” (Aristóteles).

Tendo em conta a teoria aristotélica da ciência, é INCORRETO afirmar que

A.	o conhecimento científico não trata apenas da causalidade e do que é necessário, mas também do contingente, do provável e do individual.
B.	o conhecimento científico é um tipo de conhecimento que adquirimos exclusivamente por meio da demonstração, o silogismo científico.
C.	os primeiros princípios não são conhecidos por demonstração; caso contrário, teríamos uma regressão ao infinito.
D.	o silogismo científico, por fornecer explicações causais, não trata do “quê” das coisas, mas do seu “porquê”.
E.	na ciência demonstrativa, as premissas, além de tratarem da causa, devem ser verdadeiras, primeiras, imediatas e mais conhecidas que a conclusão.

3. Dados os seguintes argumentos silogísticos:

I - Todos os cães são alados
 Todos os pássaros são cães
 Logo, todos os pássaros são alados

e

II - Todos os humanos são mortais
 Todos os brasileiros são humanos
 Logo, todos os brasileiros são mortais,

é correto afirmar, a partir de um ponto de vista lógico, que

A.	os argumentos são distintos quanto à estrutura ou forma lógica.
B.	ambos os argumentos são válidos, embora as premissas do primeiro sejam falsas.
C.	o primeiro argumento é inválido, e o segundo é válido.
D.	ambos os argumentos são inválidos.
E.	o segundo conjunto de enunciados forma um argumento, mas o primeiro não.

4. “*Reflexão* significa movimento de volta sobre si mesmo ou movimento de retorno a si mesmo. A reflexão é o movimento pelo qual o pensamento volta-se para si mesmo, interrogando a si mesmo. A reflexão filosófica é *radical* porque é um movimento de volta do pensamento sobre si mesmo para conhecer-se a si mesmo, para indagar como é possível o próprio pensamento. Não somos, porém, somente seres pensantes. Somos também seres que agem no mundo. [...] A reflexão filosófica também se volta para essas relações que mantemos com a realidade circundante, para o que dizemos e para as ações que realizamos nessas relações.” (M. Chauí)

Sobre a Filosofia, conforme o texto acima, seguem as seguintes afirmações:

I – Independentemente de seu conteúdo ou objeto, uma característica fundamental da Filosofia é a indagação, a interrogação.

II – A Filosofia direciona perguntas como “o que é?”, “por que é?” e “como é?” ao mundo que nos cerca, ao próprio homem e às relações que o homem estabelece.

III – A Filosofia não é algo importante porque não somos apenas seres pensantes.

IV – A reflexão sobre o conhecer e o agir humanos fazem parte da reflexão filosófica.

V – A reflexão filosófica é radical porque é feita sem nenhum tipo de objetivo.

Das afirmações feitas acima

A.	apenas as afirmativas I, II e IV estão corretas.
B.	apenas as afirmativas I, II e III estão corretas.
C.	apenas as afirmativas I, II, III e V estão corretas.
D.	todas as afirmativas estão corretas.
E.	todas as afirmativas estão incorretas.

5. “A física de Aristóteles [...] é uma 'física', isto é, uma ciência altamente elaborada, embora não o seja matematicamente. [...] A distinção entre movimentos 'naturais' e movimentos 'violentos' se situa numa concepção de conjunto da realidade física, concepção cujos traços principais parecem ser: (a) a crença na existência de 'naturezas' qualitativamente definidas; e (b) a crença na existência de um Cosmo [...] Assim, mover-se é mudar, mudar em si mesmo e em relação aos outros. Por outro lado, isso implica um termo de referência em relação ao qual a coisa movida muda seu ser ou sua relação; o que implica – se examinarmos o movimento local – a existência de um ponto fixo em relação ao qual a coisa movida se move, um ponto fixo imutável que, evidentemente, só pode ser o centro do Universo”. (Koyré)

Dentre as proposições dadas abaixo, todas elas, exceto uma, indicam características da Revolução Científica do Século XVII, que ocasionou a derrocada da física e da cosmologia aristotélica. Assinalar qual constitui a EXCEÇÃO (ou seja, qual das alternativas é a INCORRETA).

A.	O rompimento com a física qualitativa e a homogeneização do espaço, com a consequente substituição da noção de lugares naturais das coisas pela de espaço homogêneo da geometria, considerado como real.
B.	A consideração da lei da inércia como princípio fundamental da natureza, ela que afirma que um corpo abandonado a si mesmo permanece em seu estado de repouso ou de movimento tanto tempo quanto esse estado não for submetido à ação de uma força exterior qualquer.
C.	O combate ao princípio de inalterabilidade do céu e a todo o arcabouço teórico que sustentava a dicotomia entre céu e Terra.
D.	A destruição do Cosmo, isto é, a substituição da visão de mundo finito e hierarquicamente ordenado por uma concepção de universo homogêneo, ligado por elementos de mesma natureza e regido por leis necessárias e universais.
E.	A compreensão do movimento como um tipo de mudança que depende da constituição interna do corpo, de modo que o movimento contrário à natureza do corpo que se move, como quando arremessamos uma pedra para o alto, é considerado violento e, como tal, tende à sua própria destruição.

6. Na concepção política de Hobbes, o “acordo vigente” entre homens se dá através de um pacto, isto é, artificialmente, acordo que para “tornar-se constante e duradouro” exige, além do pacto, a instituição de “[...] um poder comum que os mantenha em respeito, e que dirija suas ações no sentido comum. [...] A única maneira de instituir um tal poder comum, capaz de defendê-los [...], garantindo-lhes assim uma segurança suficiente para que, mediante seu próprio labor e graças aos frutos da terra, possam alimentar-se e viver satisfeitos, é conferir toda a sua força e poder a um homem, ou a uma assembleia de homens, que possa reduzir suas diversas vontades, por pluralidade de votos, a uma só vontade. O que equivale a dizer: designar um homem ou uma assembleia de homens como representante de suas pessoas, considerando-se e reconhecendo-se cada um como autor de todos os atos que aquele que representa sua pessoa praticar ou levar a praticar, em tudo o que disser respeito à paz e segurança comuns; todos submetendo assim suas vontades à vontade do representante, e suas decisões a sua decisão. Isto é mais do que consentimento, ou concórdia, é uma verdadeira unidade de todos eles, numa só e mesma pessoa, realizada por um pacto de cada homem com todos os homens, de um modo que é como se cada homem dissesse a cada homem: *Cedo e transfiro meu direito de governar-me a mim mesmo a este homem, ou a esta assembleia de homens, com a condição de transferires a ele o teu direito, autorizando de maneira semelhante todas as suas ações.* Feito isto, à multidão assim unida numa só pessoa se chama Estado [...]. Graças a esta autoridade que lhe é dada por cada indivíduo no Estado, é-lhe conferido o uso de tamanho poder e força que o terror assim inspirado o torna capaz de conformar as vontades de todos eles, no sentido da paz no próprio país, e ajuda mútua contra os inimigos estrangeiros. É nele que consiste a essência do Estado, a qual pode ser assim definida: *Uma pessoa de cujos atos uma multidão, mediante pactos recíprocos uns com os outros, foi instituída por cada um como autora, de modo a ela poder usar a força e os recursos de todos, da maneira que considerar conveniente, para assegurar a paz e a defesa comum.* [...] Àquele que é portador dessa pessoa se chama *soberano*, e dele se diz que possui *poder soberano*. Todos os restantes são *súditos*.”(Hobbes)

A partir deste texto, que trata da concepção política hobbesiana, seguem as seguintes proposições:

I – O poder comum é originário de um pacto recíproco e consensual entre o Soberano a ser instituído e uma multidão de indivíduos que pactuam, reciprocamente, cada um com cada um, a transferência de direitos naturais e deveres civis, com a finalidade de garantir a paz e segurança de todos no Estado.

II – Na instituição do poder soberano, os pactuantes autorizam todos os atos e decisões tomadas pelo Soberano instituído, como se fossem seus próprios atos e suas próprias decisões, com a finalidade de, no Estado, viverem em paz, concórdia e segurança.

III – A essência do Estado consiste na transferência, por parte de uma grande multidão, mediante pactos recíprocos, cada um com cada um, de direitos e liberdades naturais, para um Soberano, com poder absoluto, intransferível e ilimitado.

IV – A instituição do poder soberano tem sua origem e fundamento no simples consentimento estabelecido entre uma multidão de indivíduos que pactuam, cada um com cada um, a transferência de uma parcela de seus direitos e liberdades civis.

V – A saída do estado de natureza se dá através de um pacto, ou seja, artificialmente; para tornar-se constante e duradouro, é necessário a instituição de um poder comum que mantenha a todos em respeito e dirija as suas ações no sentido do benefício comum.

Das afirmações feitas acima

A.	apenas a afirmativa I está correta.
B.	apenas a afirmativa II está correta.
C.	apenas as afirmativas II e IV estão corretas.
D.	apenas as afirmativas III e IV estão corretas.
E.	apenas as afirmativas II, III e V estão corretas.

7. “Há já algum tempo dei-me conta de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões por verdadeiras e de que aquilo que depois eu fundei sobre princípios tão mal assegurados devia ser apenas muito duvidoso e incerto; de modo que era preciso tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões que recebera até então em minha crença e começar tudo novamente desde os fundamentos, se eu quisesse estabelecer alguma coisa de firme e de constante nas ciências. [...] Agora, pois, que meu espírito está livre de todas as preocupações e que obtive um repouso seguro numa solidão tranquila, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade a destruir em geral todas as minhas antigas opiniões. Ora, não será necessário, para atingir esse propósito, provar que elas todas são falsas, o que talvez jamais realizasse até o fim; mas, visto que a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente impedir-me de acreditar nas coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis do que nas que nos parecem ser manifestamente falsas, a menor razão de duvidar que eu nelas encontrar será suficiente para me fazer rejeitá-las todas.” (Descartes)

A partir da filosofia cartesiana, seguem as seguintes afirmações:

I – A dúvida cartesiana é uma dúvida sobre os fundamentos do conhecimento, e seu objetivo é avaliar a possibilidade da conquista de algo evidente e verdadeiro.

II – A primeira certeza que conquistamos é a de que, embora nossos sentidos nos enganem às vezes, não é possível duvidar da existência das coisas que nos rodeiam.

III – A dúvida, quando generalizada ao máximo, será autodestrutiva, uma vez que ela é um ato de pensar e, portanto, requer como certa a existência de uma entidade que é sujeito desse ato.

IV – Generalizar ao máximo a dúvida é uma atitude irracional e meramente negativa.

V – A dúvida cartesiana traz como resultado um fato determinante para toda a filosofia moderna: só temos acesso imediato às nossas percepções mentais, ao passo que o conhecimento de tudo o mais (o mundo, Deus, etc.) deve ser provado como possível, dada a distância que há entre nossos pensamentos e as demais coisas.

Das afirmações feitas acima

A.	apenas as afirmativas II, III e IV estão corretas.
B.	apenas as afirmativas I e III estão corretas.
C.	apenas as afirmativas I, III e V estão corretas.
D.	apenas a afirmativa IV está incorreta.
E.	todas as afirmativas estão corretas.

8. O Oráculo de Delfos teria declarado que Sócrates (470-399 a.C.) era o mais sábio dos homens. Essa profecia marcou decisivamente a concepção socrática de Filosofia, pois sua verdade não era óbvia:

“Logo ele, sem qualquer especialização, ele que estava ciente de sua ignorância? Logo ele, numa cidade [Atenas] repleta de artistas, oradores, políticos, artesãos? Sócrates parece ter meditado bastante tempo, buscando o significado das palavras da pitonisa. Afinal concluiu que sua sabedoria só poderia ser aquela de saber que nada sabia, essa consciência da ignorância sobre as coisas que era sinal e começo da autoconsciência.” (J. A. M. Pessanha)

Sobre a filosofia de Sócrates, é INCORRETO afirmar que

A.	a filosofia de Sócrates consiste em buscar a verdade, aceitando as opiniões contraditórias dos homens; quanto mais importante era a posição social de um homem, mais verdadeira era sua opinião.
B.	a sabedoria de Sócrates está em saber que nada sabe, enquanto os homens em geral estão impregnados de preconceitos e noções incorretas, e não se dão conta disso.
C.	o reconhecimento da própria ignorância é o primeiro passo para a sabedoria, pois, assim, podemos nos livrar dos preconceitos e abrir caminho para a verdade.
D.	após muito questionar os valores e as certezas vigentes, Sócrates foi acusado de não respeitar os deuses oficiais (impiedade) e corromper a juventude; foi julgado e condenado à morte por ingestão de cicuta.
E.	o caminho socrático para a sabedoria deve ser trilhado pelo próprio indivíduo, que deve por ele mesmo reconhecer seus preconceitos e opiniões, rejeitá-los e, através da razão, atingir a verdade imutável.

9. “Um cientista, seja teórico seja experimental, propõe enunciados, ou sistemas de enunciados, e testa-os passo a passo. No campo das ciências empíricas, mais particularmente, constrói hipóteses ou sistemas de teorias e testa-as com a experiência por meio da observação e do experimento.

Sugiro que é tarefa da lógica da investigação científica ou lógica do conhecimento apresentar uma análise desse procedimento; isto é, analisar o método das ciências empíricas [...]. A etapa inicial, o ato de conceber ou inventar uma teoria, não me parece exigir uma análise nem ser suscetível dela. A questão de saber como acontece que uma nova ideia ocorre a um homem – seja essa ideia um tema musical, seja um conflito dramático, seja uma teoria científica – pode ser de grande interesse para a psicologia empírica; mas ela é irrelevante para a análise lógica do conhecimento científico.” (Popper)

Considerando o texto acima, é INCORRETO afirmar, sobre a filosofia da ciência de Karl Popper, que

A.	o que importa para decidir se uma atividade é ou não científica é o que o cientista faz com suas teorias e não como ele as cria.
B.	faz parte da atividade científica testar seus enunciados, e é sobre o modo de fazer esse teste que incide a análise lógica popperiana.
C.	o teste dos enunciados de uma teoria científica deve ser realizado por meio da experiência, ou seja, por meio da observação e da experimentação.
D.	o modo pelo qual um cientista concebe uma teoria é de interesse da psicologia empírica e não da filosofia da ciência.
E.	não se pode aplicar uma análise lógica em nenhuma das etapas da atividade científica, pois o método das ciências empíricas não se diferencia da atividade artística.

10. “Um governante virtuoso procurará criar instituições que ‘facilitem’ o domínio. Consequentemente, sem *virtù*, sem boas leis, geradoras de boas instituições, e sem boas armas um poder rival poderá impor-se. [...] A força explica o fundamento do poder, porém é a posse da *virtù* a chave por excelência do sucesso do príncipe. Sucesso este que tem uma medida política: a manutenção do poder. O governante tem que se mostrar capaz de resistir aos inimigos e aos golpes da sorte, ‘construindo diques para que o rio não inunde a planície, arrasando tudo o que encontra no caminho’. O homem de *virtù* deve atrair os favores da cornucópia, conseguindo, assim, a fama, a honra e a glória para si e a segurança para seus governados. [...] Um príncipe sábio deve guiar-se pela necessidade – ‘aprender os meios de não ser bom e de fazer uso ou não deles, conforme as necessidades’. Assim, a qualidade exigida do príncipe que deseja se manter no poder é, sobretudo, a sabedoria de agir conforme as circunstâncias. Devendo, contudo, *aparentar* possuir as qualidades valorizadas pelos governados [...]. A *virtù* política exige também os vícios, assim como exige o reenquadramento da força. O agir virtuoso é um agir como homem e como animal. *Resulta* de uma astuciosa combinação da virilidade e da natureza animal. Quer como homem, quer como leão (para amedrontar os lobos), quer como raposa (para conhecer os lobos), o que conta é ‘o triunfo das dificuldades e a manutenção do Estado. Os meios para isso nunca deixarão de ser julgados honrosos, e todos os aplaudirão’” (Weffort).

A partir deste texto, seguem as seguintes proposições a respeito da filosofia política de Maquiavel:

I – Um governante virtuoso mantém o seu domínio, com boas leis e boas instituições, sem necessidade de recorrer ao uso da força armada e sem se guiar pela necessidade, mas, com sabedoria, agir em conformidade com as circunstâncias.

II – Um príncipe sábio, na manutenção do Estado e do poder, deve, para garantir sua honra, fama e glória, bem como para garantir a segurança de seus governados, ser sempre honesto e virtuoso, não levando em consideração as circunstâncias.

III – O príncipe que quer triunfar na manutenção do Estado e manter-se no poder deve possuir a sabedoria astuciosa de combinar sua *virtù*, que exige também vícios, com o uso da força, agindo, assim, quer como leão, quer como raposa, em conformidade com as circunstâncias.

IV – Tendo por fim a manutenção do Estado, um príncipe sábio, com astúcia, aparenta possuir as qualidades que seus governados valorizam, obtendo, assim, a fama, honra e glória para si e a segurança de seus governados.

V - A força explica o fundamento do poder, e é no seu uso permanente e de modo astucioso, sem nenhuma necessidade de considerar as circunstâncias nas quais ocorre a ação política, que reside a *virtù*, por excelência, do sucesso do príncipe para a sua manutenção no poder.

Das afirmações feitas acima

A.	apenas a afirmativa I está correta.
B.	apenas a afirmativa II está correta.
C.	apenas as afirmativas III e IV estão corretas.
D.	apenas as afirmativas IV e V estão corretas.
E.	todas as afirmativas estão incorretas.

11. “Por beleza entendo aquela qualidade, ou aquelas qualidades dos corpos em virtude das quais eles despertam amor ou alguma paixão semelhante. [...] É comum dizer-se que a beleza consiste em certas proporções das partes. Após examinar a questão, tenho muitos motivos para duvidar de que essa qualidade seja absolutamente uma ideia relacionada à proporção. A proporção reporta-se quase exclusivamente à adequação, como parece ocorrer com toda a noção de ordem, e deve, portanto, ser considerada antes como um produto do entendimento do que como uma causa fundamental que age sobre os sentidos e a imaginação. Não é pela força de uma atenção e de um exame prolongados que julgamos belo um objeto; a beleza não requer nenhum auxílio de nosso raciocínio, e até mesmo a vontade lhe é indiferente; a presença da beleza desperta tão eficazmente um certo grau de amor em nós quanto a aplicação do gelo ou do fogo produz ideias de frio ou de calor.” (E. Burke)

Considerando o texto acima, é INCORRETO afirmar que

A.	o autor discorda das concepções de beleza que a consideram como um arranjo ordenado de partes com determinada proporção.
B.	não há um consenso entre os filósofos do que seja beleza.
C.	o autor considera que a beleza nos desperta amor de forma análoga àquela que o fogo nos provoca calor.
D.	a beleza, segundo o autor, pode ser resultado de nosso raciocínio ou mesmo de nossa vontade.
E.	neste texto, o autor investiga quais faculdades humanas podem estar envolvidas ou não em nossa percepção da beleza.

12. “Como toda lei prática representa uma ação possível como boa e por isso como necessária para um sujeito praticamente determinável pela razão, todos os imperativos são fórmulas de determinação da ação que é necessária segundo o princípio de uma vontade boa de qualquer maneira. No caso de a ação ser apenas boa como meio para *qualquer outra coisa*, o imperativo é *hipotético*; se a ação é representada como boa *em si*, por conseguinte, como necessária numa vontade em si conforme à razão como princípio dessa vontade, então o imperativo é *categórico*.” (Kant)

A partir do texto fornecido acima, seguem as seguintes afirmações:

I – Os imperativos hipotéticos, como também o imperativo categórico, são fórmulas que expressam mandamentos, como princípios subjetivos da vontade.

II – Só o imperativo categórico, contrariamente ao imperativo hipotético, expressa o mandamento moral, como princípio objetivo da razão determinante da vontade como boa em si mesma.

III – Os imperativos hipotéticos, da mesma forma que o imperativo categórico, são a expressão de princípios subjetivos da razão, para a determinação de uma ação que é boa de qualquer modo, na realização de fins absolutamente necessários e determinantes da razão pura, no seu interesse especulativo.

IV – A diferença entre os imperativos hipotéticos e o imperativo categórico é a de que os primeiros, como princípios subjetivos da vontade, expressam os fundamentos absolutamente necessários do conhecimento objetivo e verdadeiro, não sendo necessários para o direcionamento do agir prático.

V – O imperativo categórico é um princípio da razão que determina a vontade com vistas à realização de um fim qualquer, e em conformidade com as inclinações e desejos determinantes das ações do sujeito agente.

Das afirmações feitas acima

A.	apenas a afirmativa I está correta.
B.	apenas a afirmativa II está correta.
C.	apenas as afirmativas II e IV estão corretas.
D.	apenas as afirmativas III e IV estão corretas.
E.	todas as afirmativas estão incorretas.

HISTÓRIA

13. *Antiguidade* é um período da História do Ocidente que se inicia com o aparecimento da escrita e termina com a queda do Império Romano. Dentro deste contexto podemos evidenciar as sociedades grega e romana, consideradas modelares pelo pensamento ocidental e portanto, denominadas “clássicas”.

Com relação às civilizações grega e romana, é INCORRETO afirmar que

A.	eram chamados de <i>patrícios</i> os que descendiam das antigas famílias fundadores de Roma, únicos detentores do <i>status civitatis</i> , qualidade que lhes conferia o título de cidadãos romanos.
B.	a <i>Polis</i> representa um tipo original de organização política que apareceu no século VIII antes de Cristo.
C.	o <i>Edito de Caracala</i> publicado em 212 d.C. tornou o cristianismo a religião oficial do Império Romano no Ocidente.
D.	no seu princípio, a filosofia grega se ocupou do problema da origem do mundo e a <i>razão</i> era um conceito essencial estudado pelos gregos.
E.	o regime republicano romano acabou com a <i>realeza</i> e instaurou <i>magistraturas</i> , cargos anuais com mais de um ocupante.

14. “*Falso avanço*”

Apesar de bater recordes de público, a Parada Gay de São Paulo não é sinônimo somente de avanços contra a intolerância. Luiz Mott mostra o fundo histórico da homofobia. As ruas lotadas durante as manifestações enganam. Por mais que eventos como a Parada Gay de São Paulo mostrem que há avanços, a intolerância ainda não é coisa do passado. Isto fica claro não apenas em episódios como as bombas e espancamentos no evento da última semana. Mais do que um episódio isolado, este tipo de violência é uma mórbida rotina no país. Ao mesmo tempo em que sedia a maior manifestação das minorias sexuais do mundo, o Brasil também bate recordes de assassinatos contra homossexuais. Assim como o do público da Parada, este número também não para de crescer. Apenas do ano passado para o atual, o aumento foi de mais de 55%, segundo o historiador Luiz Mott, ativista há décadas do movimento GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) e pesquisador da Inquisição e período colonial. 'Os assassinatos são o resultado mais dramático desta homofobia generalizada que se manifesta através de insultos, agressões físicas, discriminação no Exército, Igreja etc. O judaísmo e o cristianismo são os culpados pelo sangue derramado de milhares de homossexuais desde que, há quatro mil anos, Javé decretou a pena de morte por apedrejamento ao homem que dormir com outro homem como se fosse mulher', diz. Mott afirma ainda que, apesar da posição do Papa Bento XVI, defensor da homossexualidade como algo 'intrinsecamente mal', a cerca de quatro décadas, há um fortalecimento das interpretações bíblicas que consideram as condenações homofóbicas como frutos de erros de tradução e posturas machistas. Incrivelmente, os avanços na ciência demoraram ainda mais. Formas minoritárias de expressão sexual eram vistas como doença desde o século XIX até muito recentemente: a homossexualidade deixou de ser caracterizada como patologia apenas em 1985 pelo Conselho Federal de Medicina, em 1993 pela Organização Mundial de Saúde e em 1999 pelo Conselho Federal de Psicologia. Hoje, a disputa corre no Senado, onde tramita o projeto de lei 122/2006. A norma sugere a criminalização da homofobia. Como de costume, não faltam opositores. Segundo Luiz Mott, a aprovação não será fácil, pois existem diversos 'senadores que boicotam as iniciativas em defesa dos GLBTs, estimulando jovens machistas a espancar os corpos dos Marcelos Campos [jovem que foi agredido até a morte na última Parada Gay] da vida'. O historiador completa com uma perspectiva pouco otimista: - A Marta Suplicy já declarou que o Brasil está em pior situação do que diversos países vizinhos, como Argentina, Chile e Equador, que já garantiram diversos direitos legais aos homossexuais.”

(BELISÁRIO, Adriano. Observatório. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=2462>, acessado em 29 de junho de 2009).

A partir da matéria transcrita acima, que faz uma discussão sobre essa problemática contemporânea de repercussão na História do Brasil recente, assinale a alternativa correta.

A.	O autor do texto responsabiliza a Parada Gay de São Paulo pelo aumento do número de assassinatos contra homossexuais.
B.	O autor do texto defende a caracterização da homossexualidade como patologia, tal como fazia o Conselho Federal de Medicina até 1985.
C.	O autor do texto aponta Marta Suplicy como a principal articuladora dos movimentos homossexuais constituídos na Argentina, no Chile e no Equador dos últimos tempos.
D.	O autor do texto conclui que o problema da violência contra minorias homossexuais surgiu no século XIX, cuja solução dependeria da aprovação, pelo Senado, do Projeto de Lei 122/2006, que busca criminalizar a homofobia.
E.	O autor avalia o sucesso da Parada Gay de São Paulo pelo crescimento do seu público, ainda que tenham aumentando os casos de violência contra homossexuais, a exemplo do jovem Marcelo Campos, morto na última manifestação, em junho de 2009.

15. “O corte ou poda das erveiras é feito manualmente com facão ou foice. Existem árvores com mais de doze metros de altura. Geralmente o corte é realizado por homens, sendo que mulheres e crianças ficam reunindo os galhos cortados em feixes que serão levados para a operação do sapeco. O corte mutila, mas não prejudica a árvore que levará de até cinco anos para se regenerar e sofrer novo processo de corte. O sapeco é feito sobre fogo, a ação rápida das labaredas faz com que as folhas percam parte de sua umidade, evitando que ela escureça e adquira um sabor desagradável. Após isso a erva é submetida a uma secagem que dura de dez a doze horas, em instalações de calor intenso, como um forno e sem contato com a fumaça. Terminada a secagem, a erva é triturada e fragmentada, depois peneirada. A atividade do produtor local termina com o peneiramento da erva-mate, que assim se constitui na matéria-prima para os engenhos de beneficiamento”.

(COSTA, Samuel da. *A erva-mate*. Curitiba: Farol do Saber, 1995, p. 26-27.)

O trecho descrito acima refere-se a um importante ciclo econômico paranaense, denominado de “ciclo da erva-mate”. Sobre esse ciclo, assinale a alternativa correta.

A.	O início das atividades industriais no Paraná deu-se a partir do beneficiamento da erva-mate nos engenhos que começaram a funcionar no século XIX.
B.	A ocupação do território paranaense no século XVII deu-se através das bandeiras que partiam de São Vicente para a região ervateira.
C.	O ciclo da Erva Mate contribuiu para a formação de cidades como Castro, Palmeira, Ponta Grossa, Lapa, Guarapuava e Palmas.
D.	Descendentes de imigrantes italianos e alemães do Rio Grande do Sul, a partir da década de 1940, migraram do Sul para o Norte, avançando pelo oeste paranaense para se dedicarem a esse cultivo.
E.	Com a descoberta da “terra roxa” no norte do Paraná, a economia ervateira ganhou um grande impulso, principalmente com a vinda de agricultores paulistas e mineiros.

16. “Um País em Preto e Branco

Está em andamento no Brasil uma tentativa de genocídio racial perpetrado com a arma da estatística. A campanha é liderada por ativistas do movimento negro, sociólogos, economistas, demógrafos, organizações não-governamentais, órgãos federais de pesquisa. A tática é muito simples. O IBGE decidiu desde 1940 que o Brasil se divide racialmente em pretos, brancos, pardos, amarelos e indígenas. Os genocidas somam pretos e pardos e decretam que todos são negros, afro-descendentes. Pronto. De uma penada, ou de uma somada, excluem do mapa demográfico brasileiro toda a população descendente de indígenas, todos os caboclos e curibocas. Escravizada e vitimada por práticas genocidas nas mãos de portugueses e bandeirantes, a população indígena é objeto de um segundo genocídio, agora estatístico. A não ser pelos trezentos e tantos mil índios, a América desaparece de nossa composição étnica. Restam Europa e África. O problema da cor ou raça persegue nossos demógrafos e estatísticos desde 1849. Haddock Lobo, organizador do censo do Rio de Janeiro desse ano, rejeitou o item cor por considerar essa classificação odiosa, além de inconfiável pela 'infidelidade com que cada indivíduo faria de si próprio a necessária declaração'. O primeiro censo nacional, feito em 1872, enfrentou o problema e dividiu as raças (não se diferenciava raça de cor) em branca, preta, parda e cabocla (indígena). Os responsáveis pelo censo de 1890 substituíram pardo por mestiço, argumentando, corretamente, que a cor parda 'só exprime o produto do casamento do branco com o preto'. O censo de 1920 eliminou o item raça porque “as respostas ocultavam em grande parte a verdade”, sobretudo as respostas dos mestiços. O registro de cor foi reintroduzido no censo em 1940, quando voltaram os pardos e se estabeleceu o padrão atual, com a única diferença que hoje se separam amarelos (asiáticos) e indígenas. Retrocedeu-se a 1872, ignorado o alerta feito em 1890. Os descendentes de indígenas ficaram embutidos na classificação de pardos, da qual são agora definitivamente enxotados. Ora, é óbvio para qualquer um que os 39% de pardos do censo de 2000 se compõem em boa parte de descendentes de indígenas. Aí está, aliás, a razão de ser do tribunal racial da Universidade de Brasília, destinado a apontar entre os pardos os afro-descendentes. A Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, de 1998, mostrou que as pessoas classificadas como pardas pelos critérios impostos, quando deixadas livres para se auto-classificarem se disseram morenas e morenas claras em 60% dos casos. Apenas 34% dos pardos concordaram com essa classificação e apenas 2% se disseram mulatos. Pesquisa feita na Região Metropolitana do Rio de Janeiro em 1997 revelou que 50% dos que foram classificados de pardos pelos entrevistadores se disseram morenos ou brancos. Outra pesquisa no Rio, de 2000, mostrou que 48% dos pardos diziam ter antecedentes indígenas. Nos estados do Norte, onde foi fraca a presença da escravidão africana, os descendentes de indígenas formam sem dúvida a grande maioria dos pardos. A inspiração do genocídio vem naturalmente dos Estados Unidos. Mas a operação é falaciosa. Para corrigir os males de uma sociedade em preto e branco, os americanos começaram a valorizar todas as etnias. Como se sabe, não existem mais americanos. Lá, as pessoas são euro, afro, latino, nativo, asiático-americanas. Importou-se essa valorização das etnias. A falácia consiste em ter sido ela importada não para acabar com a polarização, mas para implantá-la num país em que ela não existia. Valorizam-se duas cores, raças, etnias, seja lá o que for, com exclusão das outras. Viramos um país em preto e branco, ou melhor, em negro e branco. Deixados livres para definir sua cor, os brasileiros exibem enorme variedade e grande ambiguidade. Essa riqueza foi aprisionada no leito de Procusto das cinco categorias pré-codificadas do IBGE. Os americanizantes querem mutilá-la ainda mais, reduzindo-a à polarização branco-negro. Se é para valorizar as etnias, vamos copiar direito os americanos. Vamos incluir todas as etnias, sem esquecer a dos primitivos habitantes do país, instaurando entre nós a sociedade hifenizada. Para isso, nenhuma das opções dos censos, de 1872 a 2000, é satisfatória. Sugiro, para início de conversa, que os atuais brasileiros sejam classificados assim: nativo-brasileiros (índios), euro-brasileiros (brancos), afro-brasileiros (pretos), asiático-brasileiros (amarelos), nativo-euro-brasileiros (caboclos), euro-afro-brasileiros (pardos), nativo-afro-brasileiros (cafuzos), mestiço-brasileiros (o resto das cores).“

(CARVALHO, José Murilo de. *Um País em Preto e Branco*. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=485>, acessado em 29 de junho de 2009.)

Sobre as questões debatidas pelo historiador brasileiro José Murilo de Carvalho, a respeito da formação da população brasileira desde o século XIX, assinala a alternativa correta.

A.	O autor argumenta que os censos demográficos realizados pelo IBGE, desde o ano de 1940, tem dificuldade de contabilizar a população negra existente em função das campanhas contrárias feitas por ativistas do movimento negro, sociólogos, economistas, demógrafos, organizações não governamentais e órgãos federais de pesquisa.
B.	O autor argumenta que a noção de raça adotada pelo censo do IBGE simplificou o reconhecimento de diferentes grupos sociais existentes na formação da população do Brasil.
C.	O autor argumenta que o principal problema em relação a formação populacional do Brasil foi engendrada pelas políticas genocidas advindas dos Estados Unidos.
D.	O autor argumenta favoravelmente às classificações atuais adotadas pelo IBGE, que ao dividir a sociedade entre brancos e pretos, dá margem para pensar a formação de outros grupos sociais como, por exemplo, os índios e amarelos.
E.	O autor aponta que Haddock Lobo, em 1849, foi um dos responsáveis pela instituição das formas atuais de classificação dos grupos sociais formadores da população brasileira.

17. “O século XIII é o século das universidades porque é o das corporações. Em cada cidade onde existe um ofício agrupando um número significativo de membros, estes se organizam para a defesa de seus interesses e a instauração de um monopólio em seu proveito”.

(LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade média*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 59)

A partir deste contexto podemos afirmar que:

I – Assiste-se à conversão de certas ordens monásticas ao ensino universitário, a partir do século XIII.

II - Nas universidades nascentes, o cristianismo e o pensamento antigo são utilizados pelo método da escolástica.

III - Há grande apoio do papado às instituições universitárias surgidas neste período.

Para tanto, assinale a alternativa correta.

A.	Apenas as afirmativas I e II estão corretas.
B.	Apenas as afirmativas II e III estão corretas.
C.	Apenas as afirmativas I e III estão corretas.
D.	Apenas a afirmativa II está correta.
E.	Todas as afirmativas estão corretas.

18. Sobre a História brasileira ao longo do século XX, assinale a alternativa INCORRETA.	
A.	Desde a abolição da escravidão, em 1888, as elites brasileiras atuavam preocupadas em disseminar o valor do trabalho como fonte de riqueza, ordem e progresso social, contra a vadiagem e a desocupação, que eram considerados valores comportamentais naturais próprios dos escravos.
B.	Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), países dependentes economicamente, como o Brasil, foram estimulados a desenvolver setores de produção na área de transportes, siderurgia e energia, especialmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.
C.	No Brasil do início do século XX não havia nenhuma regulamentação em termos de legislação trabalhista. Muitos sindicatos defendiam o anarquismo, autodefinindo-se como anarco-sindicalistas. A Greve Geral de 1917 foi uma das principais manifestações em São Paulo daqueles anos.
D.	Durante o governo Vargas, através do Decreto-Lei nº 5452, de 1º de maio de 1943, entrava em vigor a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). À época, as deliberações dessa Lei priorizavam as relações de trabalho urbanas, praticamente ignorando o trabalhador rural.
E.	Na década de 1950 emergiram movimentos sociais ligados aos trabalhadores rurais, como exemplo as Ligas Camponesas. Na década de 1980, a partir dos encontros da Comissão Pastoral da Terra (CPT), é criado em Cascavel, no Paraná, um dos mais importantes desses movimentos, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST).

19. Depois da segunda metade do século XIX constituiu-se na Europa um processo socioeconômico gerado pelas novas tecnologias, denominado por historiadores como <i>Segunda Revolução Industrial</i> . Sobre esse período da Idade Contemporânea, assinale a afirmativa INCORRETA.	
A.	A imprensa foi constituída nessa época graças à invenção da máquina de escrever, da linotipo e rotativa, que aceleraram a edição e a impressão dos jornais.
B.	A industrialização, inicialmente restrita à Inglaterra, expandiu-se pela França, Alemanha, Rússia, Estados Unidos e Japão. A expansão se deve, dentre outras coisas, pela descoberta do processo de conversão do ferro em aço que abriu a era das usinas siderúrgicas, graças a produção em larga escala e preços baixos.
C.	Depois de 1896, poderosos grupos capitalistas ampliaram seus negócios a partir da produção em série e do uso da propaganda para estimular o consumo. Foi a partir de então que alguns países europeus buscaram consolidar o domínio econômico-cultural sobre a Ásia, África e América Latina.
D.	Por volta de 1900 houve um grande aumento da população nas cidades. O crescimento urbano foi surpreendente, em especial nas metrópoles de Londres, Paris, Berlim e Nova York, que chegaram a ultrapassar a marca de 2 milhões de habitantes.
E.	As duras condições de trabalho, os baixos salários e a vida miserável levaram muitos trabalhadores a organizar greves, especialmente entre os anos 1880 e 1890. A greve de 1º de maio de 1886, em Chicago, nos Estados Unidos, terminou com a prisão dos envolvidos e o enforcamento de quatro operários, e esse acontecimento levou a se comemorar nessa data o <i>Dia Internacional do Trabalho</i> .

20. Sobre o período a que chamamos de Idade Moderna assinale a afirmativa INCORRETA.	
A.	Teve seu início com a tomada da cidade de Constantinopla pelos turcos em 1453.
B.	A Igreja Católica à época condenava o lucro. Todavia, cobrava dízimos e vendia indulgências que a enriqueciam, colocando-a assim em oposição às aspirações burguesas.
C.	O teólogo católico Martinho Lutero (1483-1546) escreveu 95 teses sobre o que entendia como irregularidades da Igreja Católica da época, vindo a assumir sua liderança a partir de 1519.
D.	O movimento protestante engendrou conflitos e perseguições, além, é claro, do impulso à alfabetização e o próprio desenvolvimento capitalista.
E.	Os primeiros colonos franceses chegados na América portuguesa, entre os anos 1555 e 1560, tinham inspiração protestante, instalando uma colônia de adeptos calvinistas onde se localiza hoje a Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro.

21. “Os resultados do Programa de Metas foram impressionantes, sobretudo no setor industrial. Entre 1955 e 1961, o valor da produção industrial, descontada a inflação, cresceu 80%, com altas porcentagens nas indústrias do aço (100%), mecânicas, de eletricidade e comunicações e de material de transporte (600%). De 1957 a 1961, o PIB cresceu a uma taxa anual de 7% (...)”.

(FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2008, p.236)

Sobre a política econômica do governo de Juscelino Kubitschek (1956-61), definida no Programa de Metas, considere as afirmativas a seguir:

I - O governo JK, enfatizando um modelo de desenvolvimento econômico industrial, estabeleceu as seguintes prioridades no Programa de Metas: transportes, energia, alimentação, indústria de base, educação e a construção de Brasília.

II - O governo JK atribuiu pouca importância ao setor de produção de bens de consumo duráveis, o que provocou atraso tecnológico.

III- Através desse programa, o governo atendeu às necessidades reais da população, gerando maior equilíbrio social e distribuição de renda.

IV- Os gastos governamentais para sustentar o programa de industrialização e a construção de Brasília resultaram em crescentes déficits do orçamento federal, provocando, inclusive, o crescimento da inflação.

V - Para cumprir o slogan de realizar “cinquenta anos de progresso em cinco de governo”, Juscelino, com o apoio das organizações sindicais e da burguesia nacional, criou mecanismos que limitavam os investimentos das multinacionais no país, as quais passaram a ter um papel secundário na economia brasileira.

A partir das referências acima, assinale a alternativa que corresponda apenas às corretas.

A.	I e III.
B.	II, III e V.
C.	III, IV e V.
D.	I e IV.
E.	II e V.

22. A expansão imperialista entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX engendrou processos socioculturais e econômicos de grande impacto e muita dramaticidade em todo o mundo. Sobre tais processos assinale a afirmativa INCORRETA.	
A.	As crises vividas na Europa, a partir dos anos 1870, provocaram dinâmicas emigratórias para outros continentes. Estima-se que em torno de 70 milhões de europeus procuravam novos países para viver, entre os quais o Brasil. Em geral, eram pobres, analfabetos e sem qualificação profissional.
B.	Exceto a África, que já era colonizada pelos britânicos desde o século XVI, a partir de 1870, com exceção de algumas poucas colônias litorâneas como Angola, Moçambique e Guiné, de Portugal; Argélia e Marrocos, da França; e o extremo Sul, da Grã-Bretanha, paradoxalmente tiveram suas terras devolvidas aos seus reis, rainhas e chefes de clã.
C.	A Índia era a maior e a mais importante colônia da Grã-Bretanha, fornecendo algodão, cânhamo, chá, ferro e carvão. Os britânicos, todavia, no final do século XVIII já obtinham altos lucros com a venda ilegal de ópio indiano aos chineses.
D.	A Grã-Bretanha também constituiu interesses imperialistas nos países sul-americanos, oferecendo-lhes enormes empréstimos, por sua vez muito acima da capacidade de pagamento dos países devedores. Endividados, os governos acabavam se sujeitando aos bancos e empréstimos britânicos, cujos interesses se pautavam na venda produtos industrializados e na compra de matérias-primas a baixo custo.
E.	A Grã-Bretanha, que havia abolido a escravidão em suas colônias, fez muita pressão junto ao governo brasileiro para acabar com o tráfico negreiro. O fim da escravidão era desejado como forma de ampliar o mercado consumidor de produtos britânicos no Brasil.

23. Durante o período regencial a unidade territorial brasileira foi posta à prova com revoltas armadas bastante distintas. Sobre os conflitos desse período é correto afirmar que	
A.	nos primeiros anos da década de 1840, o governo imperial conquistou uma sólida base social, com o apoio das províncias de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.
B.	entre 1835-1845 aconteceu a Guerra dos Farrapos, movimento separatista que pôs em risco o processo de integração do Sul ao Império.
C.	em 1848, eclodiu em Alagoas a última revolta provincial, a Confederação do Equador.
D.	a Balaiada, que se iniciou em 1838 no Maranhão, contou com a participação de pequenos proprietários na luta contra a insurreição de escravos, sob a liderança de Nego Cosme.
E.	a Conjuração Baiana envolveu a alta burguesia da sociedade do Nordeste.

24. Observe



Charge 1: Disponível em http://h6.ggpht.com/_MjjsUY1J8po/Sj6_9ZVmPoI/AAAAAAAAACA/Ea_EDTShuNg/image015.jpg. Acesso em 27 de agosto de 2009.



Charge 2: Disponível em http://h5.ggpht.com/_MjjsUY1J8po/SkKBcUpFvCI/AAAAAAAAADU/BZEg5P22Iz0/jt09_vassoura.jpg. Acesso em 27 de agosto de 2009.

As charges acima abordam, através do humor, um momento de crise vivida pela instituição do Senado Federal, desde junho de 2009. As charges e os quadrinhos sempre estiveram presentes na cena política brasileira. Com base nessas imagens e outras referências da História do Brasil, assinale a alternativa INCORRETA.

A.	As charges não devem ser consideradas fontes históricas, pois são envolvidas pela aura da subjetividade dos humoristas, ao assumirem uma posição política desrespeitosa com o então presidente do Senado Federal brasileiro.
B.	As charges se constituem a partir de imaginários sociais. A primeira charge em destaque faz uma crítica ao Senado Federal utilizando-se de imagens referendadas pela fantasia e a brincadeira, entreando a falta de seriedade dos políticos. A segunda charge, produz uma crítica relacionando política à uma imagem da prática cotidiana por vezes inconfessada .
C.	Henfil foi um dos mais importantes cartonistas brasileiros fazendo de seus traços no <i>Pasquim</i> um dos mais importantes conteúdos de crítica política à ditadura civil militar brasileira.
D.	Em 30 de janeiro de 1869 foi publicada a primeira história em quadrinhos brasileira, intitulada <i>As Aventuras de Nhô Quim</i> ou <i>Impressões de Uma Viagem à Corte</i> , de Angelo Agostini, cartunista italiano radicado no Brasil.
E.	A charge teve seu início no Brasil em meados do século XIX, com a chegada dos primeiros pintores, arquitetos, desenhistas, cujos traços ganharam vida a partir do exotismo dos costumes e precariedade das instituições políticas.

REDAÇÃO

Vestibulando:

A seguir, constam as orientações para realizar a Prova de Redação. Leia-as atentamente, escolha um tema e faça o rascunho (se achar necessário) no espaço reservado para isso. Ainda que este caderno deva ser devolvido ao final da prova, o seu rascunho de redação não é considerado para efeitos de aferição de nota no vestibular, valendo apenas o texto que você escrever na folha de versão definitiva.

Além deste caderno, você receberá, portanto, a **folha de versão definitiva**. Nela, você deve passar a limpo o texto definitivo da sua redação, pois é a folha de versão definitiva que a Banca de Redação irá avaliar.

Quanto à folha de versão definitiva:

- ✓ Não preencha o canto superior direito, pois esse espaço está reservado para o lançamento da nota pela Banca de Redação!
- ✓ Não escreva seu nome, nem seu número de inscrição em nenhuma parte desta folha, pois a folha já está personalizada no rodapé!
- ✓ Assine no rodapé da folha.
- ✓ Redija com a caneta fornecida pelos fiscais.

Orientação Geral

Há **duas** propostas sugeridas para redação. Você deve escolher uma delas e desenvolvê-la conforme as determinações solicitadas: tipo de texto, destinatário, linguagem mais apropriada, objetivo que deve ser alcançado.

Os **textos apresentados nas propostas** foram extraídos de fontes diversas e apresentam fatos, dados, opiniões e argumentos relacionados com o tema de cada proposta. Eles não apresentam necessariamente a opinião da Banca de Redação: são textos como aqueles que estão disponíveis na sua vida diária de leitor de jornais, revistas ou livros.

Ao elaborar sua redação, consulte a coletânea e a utilize segundo as instruções específicas de cada proposta. Atente, entretanto, para o fato de que não basta simplesmente copiar passagens ou partes de maneira aleatória. Elas só devem ser utilizadas de forma articulada à posição que você pretende defender. Você poderá utilizar outras informações e argumentos que julgar relevantes para o desenvolvimento de seu texto.

PROPOSTA 1

O Senado Federal aprovou em julho/2009 um projeto de lei que prevê a reserva de 5% das vagas em concursos públicos para idosos.

Elabore um **texto dissertativo**, para ser publicado **em um jornal**, manifestando sua opinião sobre

A RESERVA DE VAGAS PARA IDOSOS EM CONCURSOS PÚBLICOS

1. “As cotas para idosos em concursos públicos são necessárias, porque ninguém dá emprego a quem já passou dos 50 anos de idade, quando essas pessoas estão na sua plena capacidade e experiência de vida, além de serem uma fonte de geração de economia e de contribuição para a previdência social.”

(Agapito Machado, Juiz da 4ª Vara do estado do Ceará e professor da Universidade de Fortaleza)

2. “O Brasil foi tomado pela febre das cotas. A lógica eleitoreira é: se não solucionamos as reais causas, vamos maquiagem o impacto dos efeitos. E dá-lhe cota!!! Concordo que, infelizmente, os idosos sustentam a maioria das famílias, por conta dessa lógica louca do mercado de trabalho que demite, para admitir outros pela metade do salário. Nosso país não respeita os idosos, realmente. Mas será que cotas no serviço público resolve o problema? Concurso público já é tão concorrido, luta-se contra fraudes e apadrinhamentos (combatem-se, mas infelizmente existem), imagine se tivermos uma série de cotas?”
(Adriana. <http://navblog.uol.com.br>)

3. “Acho louvável, no entanto, essa iniciativa demonstra claramente o quanto a aposentadoria oficial é injusta e cruel. Após anos de trabalho duro, honesto e sobrecarregado de impostos, mesmo tendo contribuído com o valor máximo para aposentadoria, o idoso ainda tem que trabalhar para sobreviver.”

(Marcia. <http://navblog.uol.com.br>)

4. Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida a minha face?

Cecília Meireles

(<http://www.fabiorocha.com.br/cecilia.htm>)

ATENÇÃO:

- ✓ Seu texto deve ter, no mínimo, **20 linhas escritas**.

PROPOSTA 2

A INTERNET AUXILIA OU NÃO NO DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA?

<p>Quanto mais contato com a rede, melhor. Os jovens lucram (e muito) com comunidades virtuais e pesquisas na <i>web</i>.</p>	<p>É preciso tirar os jovens da rede para que passem mais tempo com os pais e, assim, fiquem mais inteligentes.</p>
<p>“A grande mudança da era digital é fazer com que os meios, o conhecimento e a autoridade agora sejam de todos. Estamos produzindo conhecimento juntos, não de forma individual e não precisamos mais carregar os fatos conosco. Em vez de memorizar o PIB da Índia, podemos consultá-lo na Wikipédia. A compreensão não é tão simples como o conhecimento; ela é sempre objeto de novas interpretações e discussões. E é justamente nesse ponto que a internet é melhor que os outros meios. Ela permite que as pessoas discutam e, assim, compreendam melhor o mundo. Os professores precisam estimular os alunos a fazer o que nós, adultos, fazemos: consultar a informação na internet e avaliá-la com outras pessoas.”</p> <p style="text-align: right;">David Weiberger</p> <p>(Adaptado da Revista Superinteressante, maio/2008)</p>	<p>“São principalmente quatro elementos que têm feito com que a internet piore a inteligência dos jovens: curiosidade intelectual, conhecimento histórico, consciência cívica e hábitos de leitura. Os jovens têm lido cada vez menos. E me refiro a livros, jornais, revistas que ainda são o principal e o mais importante acesso ao conhecimento. Eles não visitam um site de um grande museu para ver as pinturas. Preferem visitar seu perfil pessoal na internet ou fazer <i>upload</i> das fotos da última festa, ou escrever em seu <i>blog</i> como odeiam a escola. Pais e professores deram muita liberdade e responsabilidade aos jovens. Se os pais não forem ativos e vigilantes, os jovens vão basear toda a sua realidade – suas ideias, valores e gostos – uns nos outros.”</p> <p style="text-align: right;">Mark Bauerlein</p> <p>(Adaptado da Revista Superinteressante, maio/2008)</p>

Escreva uma **CARTA** a **David Weiberger** ou a **Mark Bauerlen**, apresentando sua **opinião** sobre a questão: **A INTERNET AUXILIA OU NÃO NO DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA?**

ATENÇÃO:

- ✓ Sua carta deve ter, no mínimo, **20 linhas escritas**.
- ✓ Assine sua carta como **João** ou **Maria**.

01	
02	
03	
04	
05	
06	
07	
08	
09	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	Limite mínimo!
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Não se esqueça de transcrever este texto para a folha de versão definitiva!

Ao sair, deixe este caderno de provas na sala, com a folha do rascunho da redação.